



O capitalismo está engolindo a democracia

Jefferson Dantas Santos¹  

Universidade Estadual de Campinas

Resenha de FRASER, Nancy. **Cannibal Capitalism**: How our system is devouring democracy, care, and the planet and what we can do about it. London: Verso, 2022.

Capitalism is devouring democracy

Review of FRASER, Nancy. **Cannibal Capitalism**: How our system is devouring democracy, care, and the planet and what we can do about it. London: Verso, 2022.

El capitalismo está destruyendo la democracia

Reseña de FRASER, Nancy. **Cannibal Capitalism**: How our system is devouring democracy, care, and the planet and what we can do about it. London: Verso, 2022.

Nancy Fraser é professora titular de Filosofia e Política na New School for Social Research. Lecionou como visitante em universidades na Alemanha, França, Espanha e Holanda. Sua produção teórica enfatiza a distribuição de recursos materiais, o reconhecimento simbólico e a necessidade de representação política para grupos subalternos. É autora dos livros: *Fortunes of Feminism* e *The Old is Dying and the New Cannot Be Born*, e coautora de *Capitalism: A conversation in Critical Theory and Feminism for the 99%: A manifesto*.

Uma ouroboros estampada na capa convida-nos a ler seu mais novo livro, ora resenhado, intitulado *Cannibal Capitalism: How our system is devouring democracy, care, and the planet and what we can do about it*. Nele, a autora evidencia o caráter autofágico do capitalismo, argumento desdobrado ao longo de seis capítulos, mostrando o fosso civilizatório e a necessidade de pensar grande *think big* para não sermos engolidos pelo canibal.

1. Doutor em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas-IFCH/UNICAMP. Bacharel em Ciências Sociais e mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe.

Pensar grande significa organizar a luta anticapitalista em torno de um futuro comum. Pensar grande é, para a escritora, fomentar um polo de subjetivação capaz de subverter a lógica do capitalismo. Neste ponto, é perceptível uma relativa aproximação argumentativa com Dardot e Laval (2016; 2017). Faz-nos lembrar da “nova razão do mundo”, onde prospera um tipo de racionalidade que estrutura tanto as ações dos governantes como a própria conduta dos governados com um aparato normativo que estende a lógica da acumulação a todas as esferas da vida.

Fraser diz que tal dilema carece de enfrentamento e enseja a ampliação do conceito de capitalismo. Segundo ela,

capitalism, i'll argue here, better designates something larger: a societal order that empowers a profit-driven economy to prey on the extraeconomic supports it needs to function - wealth expropriated from nature and subjected peoples; multiple forms of care work, chronically undervalued when not wholly disavowed; public goods and public powers, which capital both requires and tries to curtail; the energy and creativity of working people...² (Fraser, 2022, p. xiv-xv).

Fraser enfatiza que o capitalismo voltou a ser tema central, comemora que pesquisadores antes adormecidos estão agora associando as mais diferentes complexidades e desigualdades sociais a ele, vaticina ironicamente: “*social amnesia is gone*”³. A filósofa se inclui na tarefa de traduzir as diversas lutas sociais do tempo presente, unificando-as. Sua síntese do capitalismo hodierno está ancorada em autores tão importantes quanto diferentes entre si, que evidenciaram os problemas do capitalismo em perspectiva econômica, simbólica e cultural: Karl Marx, Rosa Luxemburgo, Herbert Marcuse, Michel Foucault, Cedric Robinson e Donna Haraway.

Ao longo do livro, Fraser desenvolve uma démarche interpretativa, que engloba esses autores para escrutinar temas como: acumulação e expansão do capital, pensamento único, macro e micropoderes, racismo, sexismo e a crise ecológica. Antes, contudo, Fraser salienta a necessidade de uma efetiva compreensão do que se trata o capitalismo. Assim, traz à baila o legado da crítica marxista do capitalismo em quatro tópicos:

2. O capitalismo, eu argumentarei aqui, designa melhor algo maior: uma ordem societal que capacita uma economia orientada pelo lucro a se alimentar dos apoios extraeconômicos de que precisa para funcionar - riquezas expropriadas da natureza e dos povos subjugados; múltiplas formas de trabalho de cuidado, cronicamente subvalorizadas quando não totalmente negadas; bens e poderes públicos, dos quais o capital tanto necessita quanto tenta restringir; a energia e criatividade dos trabalhadores...

3. A amnésia social desapareceu.

1. A propriedade privada e a privação de acesso e, assim, divisão entre possuidores e despossuídos.
2. A ideia do livre mercado e do trabalho livre- circulação racional de agentes econômicos e a força de trabalho como mercadoria e seu status burocrático-legal.
3. O capitalismo significa a infinita acumulação de capital, em um processo que “Human beings are its pawns, reduced to figuring out how they can get what they need in the interstices while feeding the beast”⁴ (Fraser, 2022, p. 4).
4. O papel distintivo do mercado na sociedade capitalista, alocando os principais insumos para a produção de commodities, no caso: terra, trabalho e capital.

Feito isso, Fraser associa o dever do capital aos fatores não econômicos para evidenciar que o capitalismo se alimenta deles continuamente. Os fatores não econômicos são os valores democráticos, a cidadania, a reprodução social, o cuidado e a natureza. Advoga que esse mecanismo de exploração e dominação complexo requer um contra-ataque multidimensional que “We must connect the Marxian perspective to other emancipatory currents of critical theorizing: feminist, ecological, political, anti-imperialist, and anti-racist”⁵ (Fraser, 2022, p. 17).

A partir de então, a autora minuciará aspectos das lutas sociais, mostrando seus avanços e embargos, sempre lastreada por exemplos históricos, mostrando aquilo que Wendy Brown (2016) intitulou de “cidadania sacrificial” construída por políticas austeras aprofundadas pelo neoliberalismo, estágio de franca desregulamentação e financeirização do capital.

No segundo capítulo, Fraser enfrenta o tema do racismo, mostrando que o capitalismo esteve profundamente emaranhado com a opressão racial. As populações não brancas foram subestimadas racialmente e desprotegidas socialmente, sendo lançadas às variadas violências. Ironicamente, as populações não brancas, africanas e ameríndias, foram intituladas de canibais no processo de expansão do capital a partir do século XVI. Fraser diz que essa alcunha é definidora dos próprios colonizadores na sua sanha imperialista, uma vez que contribuiu para o extermínio de populações e suas respectivas culturas em todo o globo.

Em todo lugar capitalista, se percebe a violência racista. É possível que a opressão racial seja superada na sociedade capitalista? Questiona-se a filósofa retoricamente.

4. Os seres humanos são suas peças, reduzidos a descobrir como podem obter o que precisam nos interstícios enquanto alimentam a besta.

5. Devemos conectar a perspectiva marxiana a outros fluxos emancipatórios de teorização crítica: feminista, ecológica, política, anti-imperialista e antirracista.

Embora tenha caráter mutável, o capitalismo sem racismo é impossível, conforme se percebe no tempo e no espaço a composição de “diferentes paisagens de racialização”, destaca a autora. Esta pergunta é retomada devido ao aumento da tensão racial na conjuntura política mundial. De um lado, uma geração de militantes antirracistas que luta pelo reconhecimento e distribuição de recursos materiais e simbólicos negados ao longo do tempo. Por outro lado, o levante das direitas, da xenofobia e do supremacismo branco, que visa à manutenção do status quo.

Ilustram o racismo na atualidade: o assassinato da população negra pela polícia, as desigualdades no mercado de trabalho, o encarceramento em massa etc. Além de explorar economicamente, o capitalismo expropria os direitos das pessoas negras, seja no centro, seja na periferia do sistema. As mortes de Breonna Taylor e George Floyd, ela a tiros, ele estrangulado, ambos mortos por policiais de estados americanos, em 2020.

Essa situação se conecta direta e duramente com a realidade do racismo no Brasil. Nos últimos anos, temos visto uma série de assassinatos de pessoas negras em situações quaisquer, a exemplo do assassinato de João Alberto Silveira Freitas, morto por seguranças do supermercado Carrefour, ou a morte por asfixia mecânica de Genivaldo Santos pela Polícia Rodoviária Federal, numa câmara de gás improvisada em uma viatura.

Nacional e internacionalmente, a indiferença mostra que essas mortes não são sentidas tal como se ocorridas com cidadãos brancos. O racismo tem essa profundidade na cabeça dos indivíduos, pois a canibalização dos negros, indígenas, dentre outros povos não brancos, se constituiu com a ideia de que suas vidas valem menos do que a de povos europeus, ocidentais e brancos.

A professora norte-americana aduz que é preciso restaurar a dignidade humana para as pessoas negras, indígenas e não brancas, com a ênfase de que elas são dignas das lutas da sociedade. Isso seria possível com o aprofundamento radical do direito dessas populações para além do gerencial “neoliberalismo progressista”, termo que mobiliza para descrever o período que nos Estados Unidos houve uma aliança entre setores dos movimentos sociais e setores empresariais de Wall Street, Silicon Valley e Hollywood, o modelo que perdurou entre os governos de Bill Clinton e Barack Obama, mas ruiu com a vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais.

No terceiro capítulo, dedicado à reprodução social, argumentos trazidos em outros livros da pensadora (Fraser, 2013) são reprisados, apontando que a luta política das feministas incrementa os processos políticos de redistribuição, reconhecimento e representação. Fraser destaca a relação entre a produção de mercadorias e a reprodução social no capitalismo prescreveu um lugar produtivo, outro reprodutivo, um lugar para os homens, outro para as mulheres. Para tanto, cita o trabalho de cuidado realizado pelo Estado, no âmbito familiar e por prestadores de serviços, nestas últimas

condições, executado por mão de obra feminina. A filósofa aponta que a reprodução social é cabal para o sucesso da produção de mercadorias, significando o império de homens sobre mulheres.

Ela destaca que o cuidado costumava ser uma responsabilidade do Estado, sendo mais abrangente em continentes que adotaram o Estado de Bem-estar Social, como a Europa e os Estados Unidos. É importante notar que o avanço do *Welfare State* nos países centrais foi viabilizado pela superexploração e precarização da vida em países em desenvolvimento. De forma mais incipiente, no Brasil, podemos citar o Sistema Único de Saúde (SUS), o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), as escolas públicas, entre outros serviços prestados pelo Estado. Esse trabalho de cuidado não gera mais-valia, pois não há apropriação do produto do trabalho para venda no mercado visando à acumulação. No entanto, as reformas neoliberais estão transformando o Estado, desregulamentando direitos e transformando-os em mercadorias, tornando os serviços que antes eram direitos em algo que deve ser adquirido no mercado.

Fraser critica o desmantelamento da proteção social e enfatiza o prejuízo para as carreiras e as perspectivas de trabalho das mulheres. Ela defende não só a construção de creches, escolas e lavanderias públicas, mas também a redução da jornada de trabalho para que as pessoas, homens e mulheres, possam organizar suas vidas. Nancy Fraser ilumina a contradição que existe no capitalismo, destruir tudo aquilo que demanda. A esta altura da obra, a ouroboros fica clarividente e, para superar essas contradições, defende a luta transambiental no quarto capítulo.

O tema da emergência climática tem reunido atores de diversos espectros ideológicos. Segundo Fraser, a ideia de que é possível resolver a crise dentro do regime capitalista deve ser rejeitada; é necessário repelir as soluções superficiais propostas por um ecologismo reducionista, advogado por conservadores e liberais. A autora argumenta que devemos nos concentrar nas dinâmicas sociais e políticas subjacentes, que são as verdadeiras causas da crise. Somente ao enfrentar todas as facetas dessa crise, tanto “ambientais” quanto “não ambientais”, e revelar suas interconexões, poderemos começar a construir uma nova hegemonia que sustente um projeto comum e relevante.

Fraser vê nesse debate uma oportunidade para a esquerda liderar a construção de uma proposta anticapitalista e transambiental que rejeite a ideia de que o progresso material e o bem-estar social podem estar harmoniosamente integrados à natureza. É notável uma certa afinidade com as concepções de John Bellamy Foster, que foi o primeiro a destacar o papel do capitalismo nas mudanças climáticas sob uma ótica marxista. De acordo com Foster (2009), não devemos permitir que o sistema econômico que está destruindo o planeta se torne seu salvador.

Neste aspecto, é evidente estabelecer conexões com temas emergentes nos últimos tempos, como o racismo ambiental, pois as populações mais afetadas pelas mudanças climáticas são frequentemente as mais vulneráveis socialmente, muitas vezes compostas por pessoas não brancas que vivem em áreas precárias, sofrendo com as injustiças e desigualdades sociais inerentes ao capitalismo.

Nos capítulos cinco e seis, destaca-se a ideia de que o capitalismo não promove a expansão da democracia. Pelo contrário, a recessão da democracia burguesa é resultado do neoliberalismo e do rentismo, que minam os fundos públicos, que são garantidores de direitos. Fraser observa que estamos em um período de inflexão, onde o antigo e o novo estão constantemente em conflito, mas o surgimento do novo não é inevitável, lembrando a famosa frase de Antonio Gramsci.

Fraser sugere que pensar no futuro sem desespero é uma forma de resistência. Ela expressa preocupação com a possibilidade de união em torno de um projeto comum após sucessivas fragmentações nas lutas sociais. A autora destaca que a luta de negros, indígenas, mulheres e LGBTQIA+ são poderosos motores na batalha contra o inimigo e sua prática destrutiva. O reconhecimento dos direitos desses grupos está intimamente ligado à redistribuição dos recursos atualmente concentrados pelo sistema explorador. A autora encoraja,

Can we envision an emancipatory, counterhegemonic project of eco-societal transformation of sufficient breadth and vision to coordinate the struggles of multiple social movements, political parties, labor unions, and other collective actors - a project aimed at laying the cannibal to rest once and for all?⁶
(Fraser, 2022, p. xvi-xvii).

Conforme descrito, a autora destaca a importância da vigilância e da crítica dos processos que minam a cidadania, enfatizando a constante politização de decisões cujos efeitos são prejudiciais para a vida em sociedade. Ela reitera que a luta socialista envolve a união contra diversas formas de opressão, expondo tanto as tragédias enfrentadas atualmente quanto os futuros desejados. Somente assim será possível estabelecer as bases para uma mudança social complexa.

Nancy Fraser prevê que a inclusão de novos agentes nas lutas sociais resultará em um discurso mais pragmático do que utópico, ganhando maior aceitação entre os marginalizados na sociedade capitalista. Esses marginalizados irão moldar uma democracia substancial na qual os direitos de uma ampla gama de trabalhadores, populações

6. Podemos vislumbrar um projeto emancipatório e contra-hegemônico de transformação ecológica e social de amplitude e visão suficientes para coordenar as lutas de múltiplos movimentos sociais, partidos políticos, sindicatos e outros atores coletivos um projeto com o objetivo de colocar o canibal para descansar de uma vez por todas?

não brancas, mulheres, LGBTQIA+ e o respeito pelo meio ambiente serão protegidos. É nesse contexto que o “Socialism, too, is back!” (Fraser, 2022, p. 140) ganha significado, representando uma possível rota de fuga da espiral capitalista.

Um aspecto significativo não abordado pelo livro é a atual proeminência da tecnologia e o trabalho subordinado às plataformas e à lógica algorítmica, que sem dúvida estão atualizando as opressões. Isso é evidenciado pelo aumento do controle sobre o trabalho, uma maior vigilância, bem como o surgimento de formas de racismo e sexismo algorítmicos.

De mais a mais, o livro é bem-vindo, sua leitura é tranquila, a autora sintetiza vários problemas da vida social operados pelo capitalismo canibal. Pensar grande significa, nesta obra, a aposta de um pensamento globalizante e radical, porém marcado pela historicidade.

Referências

BROWN, W. Sacrificial citizenship: Neoliberalism, human capital and austerity politics. **Constellations**, v. 23, n. 1, p. 3-14, 2016.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **Comum**: ensaio sobre a revolução no século XXI. Echalar, Mariana. São Paulo: Editora Boitempo, 2017.

FOSTER, J. B. **The Ecological Revolution**. New York: Monthly Review Press, 2009.

FRASER, Nancy. **Fortunes of Feminism: From State-Managed Capitalism to Neoliberal Crisis**. Verso: London and New York, 2013.

7. O socialismo também voltou!